

BORGES, Maria Zélia. *Coleta de Cores: uma ode a Minas Gerais*. São Paulo: SGuerra, 2004.

Alexandre Huady Torres GUIMARÃES<sup>1</sup>

Nomes doutos do cenário literário brasileiro já voltaram seus olhos a Guimarães Rosa e a sua obra. Sobre ambos, confeccionaram juízos que se destacam. Tristão de Athayde, em texto incluído em edição de *Sagarana*, (1982, p.V) lista-o no rol dos autores inqualificáveis, a não ser que pertença à categoria do “gênio, isto é, dos grandes isolados”; Sérgio Buarque de Holanda (mesma obra e página) afirma não ter encontrado entre os escritores brasileiros nenhuma outra obra que a ele desse a “mesma idéia de tratar-se de criação absolutamente genial” e o conterrâneo Drummond, poeta, três dias após a morte do mineiro de Cordisburgo, ou seja, em 22 de novembro de 1967, no *Correio da Manhã*, reproduzido, entre outras obras, em *Grande Sertão: Veredas* (2001, p.11-14):

João era fabulista  
fabuloso?  
fábula?  
Sertão místico disparando  
no exílio da linguagem comum?

Diante deste cenário edificante, pesquisadores se dispõem a enfrentar as composições rosianas, vistas, entre os edifícios da criação, muitas vezes, como de difícil leitura.

Maria Zélia Borges, pesquisadora, também educadora, canta sua ode a Minas Gerais colhendo as cores inscritas em *Sagarana* e *Ave, palavra*.

Cantar as Gerais é traço do mineiro, que pode (difícilmente) não regressar à pátria, mas que sempre leva consigo a paisagem abissal.

Em *No Urubuquaquá no Pinhém*, por meio de Pedro Orósio, Rosa descreve um fragmento desta paisagem de sua terra:

E chegariam aos Gerais quase sem necessidade de se apeiar das serras em seu avanço: uma emendada com outra, primeiro aquelas com pedreiras; depois as com cristais recortados; depois, os escalvados, de chão rosado e gretado, dos “alegres” e “campinas”; enfim, depois as serras arentas: e a gente dava com a primeira grande vereda – os buritis saudando, levantantes, sempre tinham estado lá, em sinal e céu, porque o buriti é mais vivente (1984, p. 18).

Outros prestaram suas homenagens, entre eles Fernando Sabino com sua criatura, Geraldo Viramundo, que não o deixava mentir, pois em suas aventuras, desventuras e peregrinações, “vira Minas pelo avesso sem revelar aos meus olhos o seu mais impenetrável mistério” (1999, p. 211).

Entre os mistérios postos aos nossos olhos por Guimarães Rosa, surgem as cores coletadas pela pesquisadora, que divide sua obra em duas partes.

Na primeira, em doze capítulos, persegue o “canto e a plumagem” (Rosa, 1999, p. 253) das palavras nas cores que aceitam infinitos matizes, difíceis de nomear e definir, tendo em vista a subjetividade de sua percepção e que enfeitam o território onde se passam as histórias de Guimarães.

Entre a iconicidade e a arbitrariedade, de Saussure aos modernos, retoma a lingüística, e no caminho pontua, elucidando, as motivações fonéticas, morfológicas e semânticas por meio de Ulmann, que vê as palavras arbitrárias como opacas e as motivadas como transparentes. Entre o suporte teórico de Ulmann (1970) e os exemplos de Rosa, a pesquisadora guia o leitor ao terceiro capítulo, primeiro a ofertar, em ordem alfabética, a coleta de cores.

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie/UPM.

É em ordem alfabética, também, que Guimarães Rosa fornece a lista de predicados atribuídos aos seus conterrâneos:

Acanhado, afável, amante da liberdade, anti-romântico, benevolente, comedido, canhestro, cumpridor, concordato, desconfiado, disciplinado, discreto, escrupuloso, econômico, engraçado, equilibrado, fiel, fleumático, grato, hospitaleiro, harmonioso, honrado, inteligente, irônico, jus-to, leal, lento, morigerado, meditativo, modesto, moroso, obstinado, oportunidade (dotado do senso da), otário, prudente, paciente, plástico, pachorrento, probo, precavido, pão-duro, perseverante, perspicaz, quie-to, recatado, respeitador, rotineiro, roceiro, secreto, simplório, sisudo, sensato, sem nenhuma pressa, sagaz, sonso, sóbrio, trabalhador, tribal, taciturno, tímido, utilitário, virtuoso” (1985, p. 272).

Deste povo e nesta terra, surge em primeiro lugar a cor primária, quando em cor pigmento e secundária, quando em cor luz: o amargo, o felflavo, o amarelo. Do baio, do café-com-leite, da cor de cera-do-reino, do sulfurino.

Como a mais escura das cores primárias, o azul, palavra *a priori* motivada semanticamente e agora opaca, entre todas a mais fria das cores; entretanto, a privilegiada nas criações de Guimarães Rosa, que investiga o azul-do-mar, o céu-azul, a cor dos fiordes.

Adiante, destampam-se outras cores. A palavra opaca branco, do brancarano, branquejante, branquelo; o cinza e o laranja motivados por metáfora; a cor das diversas tonalidades do gado bovino e da tez da gente campesina mineira, utilizada por Rosa das formas mais comuns até as mais insólitas do castanho; a cor preta da ausência de luz, a cor que não é cor, mas que pode gradativamente evoluir; o roxo do qual faz uso o autor pesquisado, entre outras possibilidades, como cor e como dimensão; a cor dos campos mineiros, o verde; e mais saturada, a que tem maior visibilidade, a cor indecomponível, o vermelho “de guelras de traíra, de sangue de ave, de boca e baton” (Rosa, 1999, p. 258).

Ao fim da primeira parte de um processo, percebe-se que a autora valeu-se da sensibilidade ao anexar à lida da pesquisadora – que compara, que analisa – a possibilidade de extrair, de fecundar poesia por meio do estudo polissêmico e, talvez, furta-cor, do léxico rosiano.

Para o segundo momento do itinerário, dividido em dois capítulos, Maria Zélia Borges posiciona o leitor defronte ao conjunto teórico que alicerça sua coleta de cores, pontuando divergências e convergências da Linguística Cognitiva com a Linguística Estruturalista e a Linguística Gerativista. Para tanto, sintetiza didaticamente estudos de Augusto Soares da Silva, autor de *A Semântica de Deixar: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*.

Finda-se a obra com a revisão das questões que abordam a arbitrariedade e iconicidade do signo, de modo a alcançar a conclusão da forte influência lingüística na percepção, uma vez que o reconhecimento das cores, de forma precisa, ocorre realmente entre falantes cuja língua marca sua distinção.

Seguem as referências bibliográficas, o glossário e belos textos imagéticos de César Saulo, Cícero Daniel Victor dos Santos e Valesca Emilia de Azevedo Ferraz a ilustrar, sensivelmente, a percepção do estudo que foi, antes de tudo, prazeroso: “Depois de longos anos de estudo e de magistério em Letras/Lingüística, acredito estar no direito de priorizar o que para mim é mais prazeroso” (Borges, 2004, p. 20).

Desta forma, busca-se Riobaldo, que gostava – “de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade” (Rosa, 2001, p. 305) – de Diadorim, em sua fala, ao dizer que este amor o transformava, o fazia crescer de um modo que “doía e prazia” (idem, p. 307).

Assim se dá com Guimarães Rosa, que persuade com a linguagem, e com Minas Gerais, como afirma Drummond, também retomado por Sabino (idem, p. 218):

Ninguém sabe Minas  
Só os mineiros sabem. E não dizem  
Nem a si mesmos o irrelatável segredo  
Chamado Minas.

Entrementes, Maria Zélia Borges revelou o segredo declarado pelo escritor, o qual em seu túmulo proclamou “Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino”, e encanta ao grafar, que “é no barro que a gente humilde do Vale do Jequitinhonha, nos confins de Minas Gerais, recupera para o homem a pureza perdida, a inocência anterior à sua expulsão do Paraíso” (idem, p. 195).

Assim, Maria Zélia Borges revelou o prazeroso segredo da mineira cor de Rosa.

## REFERÊNCIAS

- SABINO, Fernando Tavares. *A chave do enigma*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_. *No Urubuquaquá no Pinhém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Sagarana*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982 e Nova Fronteira, 1999.
- SILVA, Augusto Soares da. *A Semântica de Deixar: Uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 2 ed. Trad. de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.